

Artigo de revisão

Implicações da violência doméstica contra as mulheres na funcionalidade familiar: revisão integrativa

Implications of domestic violence against women on family functionality: an integrative review

Implicancias de la violencia doméstica contra las mujeres en la funcionalidad familiar: revisión integradora

Paula Sales Rodrigues^I , Aline Pereira de Souza^I ,
Juliana Ribeiro da Silva Vernasque^I , Fabiana Veronez Martelato Gimenez^I ,
Viviane Boacnin Yoneda Sponchiado^{II} , Maria José Sanches Marin^{III} 

^I Universidade Estadual Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil

^{II} Centro Universitário Eurípedes de Marília, Marília, São Paulo, Brasil

^{III} Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

* Extraído da tese "A violência doméstica contra as mulheres: vivências e repercussões com a solicitação de revogação da medida protetiva de urgência", Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Enfermagem- Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus Botucatu, 2023.

Resumo

Objetivo: identificar as implicações da violência doméstica contra as mulheres na funcionalidade familiar. **Método:** revisão integrativa, realizada nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; *Medline US National Library of Medicine*; *Web of Science*; *Scopus*; e *Biomedical and Pharmacological Bibliographic Database*. O levantamento bibliográfico ocorreu em janeiro de 2024, identificando 7.684 publicações, sendo 20 artigos selecionados para análise com apoio do *software NVivo*. **Resultados:** mulheres expostas à violência doméstica enfrentam consequências físicas, emocionais e sociais, frequentemente reproduzindo o ciclo de agressão. Os filhos também sofrem impactos na saúde física, emocional e social, tornando-se propensos a perpetuar o padrão de violência e criando uma condição transgeracional. **Conclusão:** as implicações da violência doméstica contra as mulheres na funcionalidade familiar são múltiplas, abrangentes e transcendem as gerações. Estes aspectos são essenciais para a implementação de intervenções com foco na segurança familiar. **Descritores:** Violência Doméstica; Violência contra a Mulher; Relações Familiares; Núcleo Familiar; Revisão

Abstract

Objective: to identify the implications of domestic violence against women on family functionality. **Method:** an integrative review carried out in the following databases: *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde*; *Medline US National Library of Medicine*; *Web*

of Science; Scopus; and Biomedical and Pharmacological Bibliographic Database. The bibliographic survey took place in January 2024, identifying 7,684 publications, with 20 articles selected for analysis with the support of the NVivo software. **Results:** women exposed to domestic violence face physical, emotional and social consequences, frequently replicating the aggression cycle. Children also suffer impacts on their physical, emotional and social health, becoming prone to perpetuating the pattern of violence and creating a trans-generational condition. **Conclusion:** the implications of domestic violence against women on family functionality are multiple and comprehensive and transcend generations. These aspects are essential for the implementation of interventions focused on family security.

Descriptors: Domestic Violence; Violence Against Women; Family Relations; Nuclear Family; Review

Resumen

Objetivo: identificar las implicancias de la violencia doméstica contra las mujeres en la funcionalidad familiar. **Método:** revisión integradora realizada en las siguientes bases de datos: *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; Medline US National Library of Medicine; Web of Science; Scopus; y Biomedical and Pharmacological Bibliographic Database.* El sondeo bibliográfico tuvo lugar en enero de 2024, identificándose 7.684 publicaciones, entre las cuales se seleccionaron 20 artículos para el análisis con la ayuda del programa de *software NVivo.*

Resultados: las mujeres expuestas a violencia doméstica enfrentan consecuencias físicas, emocionales y sociales, y frecuentemente reproducen el ciclo de agresiones. Los hijos también sufren efectos sobre su salud física, emocional y social, volviéndose propensos a perpetuar el patrón de violencia y creando una condición transgeneracional. **Conclusión:** las implicancias de la violencia doméstica contra las mujeres en la funcionalidad familiar son múltiples y abarcadoras y trascienden las generaciones. Estos aspectos son esenciales para que puedan implementarse intervenciones enfocadas en la seguridad familiar.

Descriptor: Violencia Doméstica; Violencia contra la Mujer; Relaciones Familiares; Núcleo Familiar; Revisión

Introdução

A persistência da violência contra as mulheres representa uma preocupante epidemia global de repercussões que afetam o acesso a direitos fundamentais e, por conseguinte, evidencia-se como uma barreira substancial à qualidade de vida. Este fenômeno impõe um desafio direto ao alcance da meta cinco dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) delineados pela Organização das Nações Unidas (ONU), vislumbrando a eliminação de todas as formas de violência contra mulheres e meninas.¹⁻²

Mundialmente, uma em cada três mulheres já sofreu alguma violência física ou sexual por parceiro íntimo, no decorrer da vida.²⁻³ No Brasil, apesar da subnotificação da violência, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública identificou que 33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais experimentaram violência física ou sexual provocada

por parceiro íntimo, ao longo da vida.⁴

Dados de 2009 a 2019 revelam que, embora se tenha registrado uma diminuição da violência urbana contra as mulheres, ocorreu um aumento nos casos de violência doméstica. Em particular, no ano de 2019, foi registrada uma elevação de 6,1% na taxa de homicídios de mulheres, no ambiente residencial.⁵ Nesse contexto, a busca por soluções diante da complexidade do problema deve percorrer o caminho intersetorial, com vistas as estratégias para apoio à funcionalidade familiar e rompimento do ciclo da violência.⁵⁻⁶

Em vista de tais fatos e em conformidade com a Política Nacional de Enfrentamento da Violência contra as Mulheres, o presente estudo pauta-se nos aspectos relacionados à violência doméstica.⁷⁻⁸ Entretanto, no Brasil, em âmbito jurídico, o termo adotado é de violência doméstica contra as mulheres, em decorrência da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar.⁹⁻¹⁰

Mediante a problemática da violência doméstica e do reconhecimento de sua ocorrência no âmbito familiar, torna-se imperativo compreender a família e sua funcionalidade. A família é constituída por pessoas que convivem em um espaço de tempo, unidas por laços consanguíneos de afetividade e/ou de interesse, na qual cada um de seus membros assume determinadas posições, com funções vinculadas aos direitos e obrigações que devem exercer.¹¹ As interações familiares influenciam a construção da identidade de indivíduos ao longo das fases da vida, habilitando-os ou não para o enfrentamento de eventos estressantes.¹¹⁻¹²

A funcionalidade familiar, compreendida como o conjunto de interações, padrões de comunicação e relações afetivas, quando analisada criticamente, revela-se como um fator que pode contribuir para a perpetuação da violência doméstica contra as mulheres.¹³⁻¹⁵ As relações familiares disfuncionais são conceituadas como fatores que tornam o lar um ambiente instável, inseguro e violento, sendo imprescindível a abordagem ampliada desse contexto diante das evidências de cocorrência da violência doméstica contra as mulheres e contra as crianças.^{6-7,16}

Mesmo considerando a era da comunicação social, a subnotificação da violência contra as mulheres persiste em virtude de fatores como impunidade, silêncio, estigma e

vergonha.¹⁷ A maioria dos episódios de violência contra as mulheres é perpetrada por parceiros íntimos no contexto doméstico com ênfase a certo padrão contínuo e cíclico de abuso. Essa vivência violenta tende a fragilizar a estrutura psíquica, mantendo essas mulheres em relacionamentos violentos, aumentando as repercussões para elas e para os filhos, que testemunham e, por vezes, se tornam vítimas, com tendência a reproduzir o mesmo comportamento nas relações interpessoais.¹⁸⁻¹⁹

Diante do exposto, objetiva-se identificar as implicações da violência doméstica contra as mulheres na funcionalidade familiar.

Método

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) estruturada em seis etapas. A primeira etapa refere-se à identificação do problema e elaboração da questão de revisão por meio dos critérios do acrônimo PICo (P = População, I = Fenômeno de Interesse, Co = Contexto) – *Quais as implicações da violência doméstica contra as mulheres para a funcionalidade familiar?* Esta etapa estruturou-se da seguinte forma: P – mulheres; I – violência doméstica; Co – funcionalidade familiar. A segunda etapa trata da busca e seleção dos estudos primários, segundo critérios de inclusão. A terceira etapa trata da extração e organização dos dados, correspondendo à caracterização da pesquisa. A quarta etapa refere-se à análise e avaliação crítica dos estudos incluídos. A quinta etapa traz a síntese dos resultados, interpretação e discussão dos dados. A sexta etapa apresenta a síntese do conhecimento construído por meio da revisão.²⁰

O levantamento bibliográfico foi realizado em janeiro de 2024, cujo acesso ocorreu por intermédio do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); *Medline - US National Library of Medicine* (PubMed); *Web of Science* (WoS), *Scopus* (Elsevier) e *Biomedical and Pharmacological Bibliographic Database* (Embase).

Para a busca nas bases de dados, foram selecionados descritores controlados presentes nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e seus equivalentes na língua inglesa por meio do *Medical Subject Headings* (MeSH) (Quadro 1).

Quadro 1 – Estratégias de busca nas bases de dados LILACS; Medline/PubMed; Web of Science; Scopus e Embase, nos idiomas Inglês, Português e Espanhol, Marília-SP, 2023

Base de dados	Estratégia de Busca	Publicações
LILACS	((mh:("Mulheres" OR "Mulheres Maltratadas" OR "Violência contra a Mulher")) OR (Mulher*)) AND ((mh:("Violência Doméstica")) OR ((Violencia* OR Maus-Tratos) AND (Familia* OR Domestica OR Lar OR Lares OR Casa OR Residencia* OR Conjug*))) AND ((mh:("Relações Familiares" OR "Família" OR "Núcleo Familiar")) OR ((Funcionalidade OR Dinamica OR Relacionamento* OR Relação OR Relações OR Nucleo*) AND Familia*))	512
Medline/ Pubmed	(((((("Women"[MeSH Terms]) OR ("Battered Women"[MeSH Terms]) OR ("Violence against Women"[MeSH Terms])) OR ("Wom?")) AND (((("Domestic Violence"[MeSH Terms]) OR ("Violence")) OR ("Mistreatment")))) AND (((("Family*") OR ("Domestic")) OR ("Home")) OR ("Residence")) OR (Conjug*)) AND ((((((("Family Relations") OR (Family)) OR ("Nuclear Family")) OR ("Functionality")) OR ("Dynamic")) OR (Relationship*)) OR ("Relations")) OR ("Nuclear Family")))) AND (Family*))	341
Web of Science	(wom?n) AND ("Domestic Violence") AND ("Family Relations" OR family OR "Nuclear Family" OR "family dynamics" OR "family relationship" OR "family relationships" OR "family functionality" OR "familiar functionality")	3360
Scopus	(TITLE-ABS-KEY (wom?n) AND TITLE-ABS-KEY ("Domestic Violence") AND TITLE-ABS-KEY ("Family Relations" OR family OR "Nuclear Family" OR "family dynamics" OR "family relationship" OR "family relationships" OR "family functionality" OR "familiar functionality"))	2113
Embase	(wom?n) AND ("Domestic Violence") AND ("Family Relations" OR family OR "Nuclear Family" OR "family dynamics" OR "family relationship" OR "family relationships" OR "family functionality" OR "familiar functionality")	1358

Foram adotados como critérios de inclusão: artigos primários, que correspondiam à pergunta de revisão, considerando o recorte temporal de 2011, em virtude do ano de publicação da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres,⁸ nos idiomas inglês, português ou espanhol. Os critérios de exclusão foram estudos de revisão de qualquer natureza, dissertações, teses e manuais.

Para organizar os artigos, utilizaram-se os softwares gerenciadores de bibliografias EndNote Web Basic (Clarivate Analytics®) e Zotero®, que permitem o arquivo, remoção das duplicações e visualização pelos pares. A seleção dos artigos foi realizada em três etapas: leitura dos títulos; leitura dos títulos e dos resumos das publicações identificadas pela busca; e avaliação dos estudos pré-selecionados por

meio de leitura na íntegra, com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão (Figura 1). As divergências foram tratadas por outros revisores.

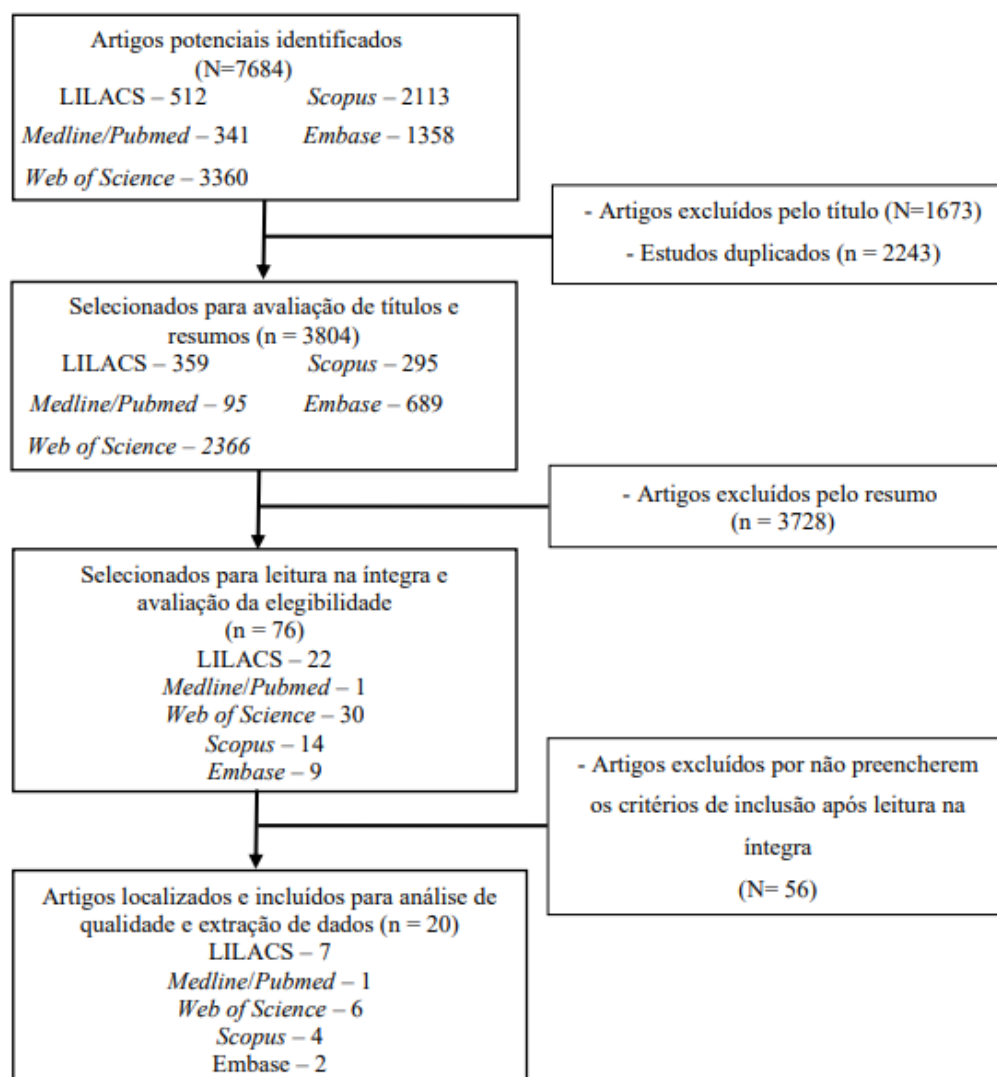


Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos primários elaborado pelas autoras. Marília-SP, Brasil, 2023

Para a extração das informações, os fichamentos foram vinculados ao *software NVivo* que exporta uma planilha de extensão “.xlsx” (*Microsoft Excel*[®]) contendo os dados: autores, ano de publicação, país onde a pesquisa foi conduzida, base de dados, objetivo, método (tipo de estudo), nível de evidência, participantes e principais resultados. Os estudos foram classificados segundo o Nível de Evidência (NE): nível I – revisões sistemáticas e metanálise; nível II – estudos randomizados controlados; nível III – estudos controlados sem randomização; nível IV – estudo caso-controle ou coorte; nível V – revisão sistemática de estudos descritivos ou qualitativos; nível VI – estudos qualitativos ou

descritivos; nível VII – consenso e opinião de especialistas.²¹ Nessa revisão integrativa da literatura, foram respeitados os princípios nacionais e internacionais de ética em pesquisa.

Procedeu-se à discussão dos achados da revisão. A fundamentação teórica foi construída a partir de uma avaliação crítica dos estudos incluídos e de ferramenta de análise qualitativa dos resultados, *software NVivo Plus*, criando códigos que se referem às categorias encontradas nos artigos e mapas conceituais que auxiliaram a organização dos dados e análise.

Resultados

Quadro 2 – Apresentação dos artigos segundo ano, país de publicação, objetivo, método (tipo de estudo), nível de evidência, participantes e principais resultados. Marília-SP, Brasil, 2023

Ano/ país/ objetivo	Tipo de pesquisa/nível de evidência/ participantes	Principais resultados
2014 ²² / Brasil/ Identificar associações entre tipos de violência na família.	Estudo caso- controle/ Nível IV/ 480 mulheres.	Houve associação entre conviver com a violência na relação de casal (seja a mulher como vítima ou agressora) e adotar condutas semelhantes com os filhos, especialmente a conduta da mulher sendo reproduzida com os filhos. Considerando o contexto familiar, a mesma pessoa pode ser vítima e agressora a depender das diferentes relações familiares. Conforme a duração, frequência, continuidade e intensidade com que ocorrem, podem afetar o desenvolvimento e gerar disfunções nas pessoas envolvidas.
2019 ²³ / Brasil/ Aprofundar a compreensão da psicodinâmica da mulher no ciclo da violência considerando aspectos do trauma psicológico.	Estudo qualitativo – análise de conteúdo/ Nível VI/ 10 mulheres vítimas de violência doméstica.	Comprova-se que os participantes que crescem em ambiente violento podem repetir padrões parentais. Em situações de estresse e crise, os participantes evidenciaram dificuldades para realizar mudanças significativas e romper o ciclo, demonstrando personalidade menos estruturada associada à insegurança, o que explica as características transgeracionais, até mesmo na escolha dos parceiros. A violência constante prejudica a capacidade de pensar e compreender.

2017 ²⁴ / Brasil/ Conhecer os significados atribuídos pelas mulheres sobre as repercussões da violência doméstica.	Estudo qualitativo, método <i>Grounded Theory</i> / Nível VII/ 38 participantes em duas varas de violência doméstica e familiar contra a mulher nordestina, em 2 grupos amostrais.	O estudo indica que a saúde física e mental da mulher e de seus filhos, em situação de violência, está comprometida, apresentando sinais físicos, como hematomas e cortes, e velados por somatização da experiência traumática, como baixa autoestima, tristeza, medo e depressão. Em crianças e adolescentes, os sinais sugestivos de conflito familiar são demonstrados por agressividade, introspecção, baixo rendimento escolar e uso de drogas.
2019 ²⁵ / Brasil/ Compreender o fenômeno da violência conjugal a partir da experiência de mulheres em processos judiciais e profissionais da rede.	Estudo qualitativo – <i>Grounded Theory</i> / Nível VI/ 38 participantes, que compuseram 2 grupos amostrais: mulheres em situação de violência e profissionais da rede.	Evidencia-se o caráter cíclico e progressivo da violência. Apresenta, nas mulheres, as graves consequências para a saúde física e emocional, como cortes, lacerações, contusões, fraturas, depressão, estresse agudo, ansiedade, transtorno bipolar e esquizofrenia, repercussões sociais da privação do convívio familiar e social e dificuldades em alcançar a independência financeira. Quanto aos filhos, há isolamento social, baixo desempenho escolar, comportamento agressivo, além de evidenciar caráter transgeracional.
2020 ²⁶ / Itália/ Examinar o papel de uma ampla gama de maus tratos na infância, disfunções familiares e sociais na predição Violência por Parceiro Íntimo (VPI).	Estudo de caso-controle/ Nível IV/ A amostra incluiu 78 mulheres.	A exposição a eventos traumáticos interpessoais, durante a infância, é considerada uma variável explicativa crucial para a VPI na idade adulta. Houve associação entre a vitimização da mulher no contexto de uma relação íntima e maus tratos infantis por compreender como trauma perpetrado por figuras de apego da infância, o que prejudica a regulação emocional e promove modelos desadaptativos para a vida. Demonstrou-se preditor da violência durante a infância e, posteriormente, por parceiro íntimo.
2015 ²⁷ / Brasil/ Identificar associações entre violência conjugal e experiências da família de origem e seu poder preditivo na perpetração de violência conjugal.	Estudo sem randomização/ Nível III/ Amostra de 300 pessoas, sendo 150 homens e 150 mulheres.	Observaram-se correlações entre as experiências na família de origem e a violência conjugal, especificamente nas dimensões de abuso físico e sexual e ajustamento psicológico. Na amostra feminina, a negligência física, o abuso sexual e de substâncias psicoativas pelo pai demonstraram-se preditores de violência cometida pelas mulheres. Na amostra masculina, o fator preditor da violência foi o abuso físico paterno. Vivenciar como vítima ou como testemunha a violência familiar na infância oferece um modelo ou legado gerador de dor e sofrimento para a vida adulta.

<p>2021²⁸/ Brasil/ Analisar os significados atribuídos à dinâmica familiar na infância por homens que reproduziram a violência doméstica sofrida.</p>	<p>Estudo qualitativo – análise de conteúdo/ Nível VI/ 5 homens em processo criminal por violência doméstica.</p>	<p>O estudo revelou que as experiências dos homens, na infância, nortearam as relações familiares, na vida adulta, e geraram a violência doméstica. Vivências de agressões físicas, psicológicas, negligências e testemunhos de vivências de violência doméstica, entre os pais, na infância, direcionaram a construção de significados da dinâmica familiar, sobretudo a desigualdade de gênero.</p>
<p>2021²⁹/ Brasil/ Analisar a associação entre a exposição à violência por parceiro íntimo (VPI) contra a mulher com desajustes comportamentais e problemas escolares entre os filhos.</p>	<p>Estudo de coorte/ Nível IV/ 790 mulheres que moram com filhos de 5 a 12 anos.</p>	<p>O estudo aponta que a exposição à VPI grave se associa à ocorrência de problemas de comportamento dos filhos, como agressividade e abandono escolar, independentemente da condição mental e escolar da mãe. Entretanto, o estado de saúde mental materna constituiu um fator mediador da relação entre a exposição à VPI e os problemas de comportamento, como a agressividade. Portanto, a violência doméstica altera a capacidade de cuidado materno por causa dos problemas psicológicos dessas mulheres, com consequentes repercussões para a saúde mental das crianças.</p>
<p>2017³⁰/ Brasil/ Investigar a percepção de mães quanto a seus relacionamentos com os filhos adolescentes e como elas avaliam a relação entre os filhos e o pai em contexto de exposição à situação de violência do pai contra a mãe.</p>	<p>Estudo qualitativo – análise de conteúdo/ Nível VI/ 5 mulheres que estavam/ estiveram em situação de violência, mães de adolescentes com idades entre 12 e 17 anos.</p>	<p>Os conflitos e a violência na família afetam todos os relacionamentos, seja entre mães e filhos ou entre pais e filhos. Entretanto, evidencia-se fragilidade significativa na relação filho-pai, com distanciamento afetivo. Por outro lado, os filhos adolescentes sentem-se ora protetores de suas mães, ora divididos entre o amor do pai e o da mãe.</p>
<p>2018³¹/ Finlândia/ Descrever a prevalência de violência familiar e avaliar a associação entre funcionamento familiar, saúde e apoio social, considerando os pacientes como autores ou vítimas de violência.</p>	<p>Estudo sem randomização/ Nível III.</p>	<p>Houve associação considerável entre estresse da paternidade e altos níveis de sintomas de estresse pós-traumático nas crianças. A violência na adolescência também tem sido fortemente ligada ao conflito parental e relacionada ao estresse pós-traumático e subsequente delinquência. Participantes com experiências de violência familiar evidenciaram saúde frágil, enquanto a exposição à violência na idade adulta está associada a um pior estado de saúde física e mental.</p>

<p>2019³²/ Finlândia/ Descrever a continuação da violência doméstica e avaliar as mudanças na associação entre funcionamento familiar, saúde e suporte social para participantes que sofreram ou não violência entre os anos de 2012 e 2015.</p>	<p>Estudo sem randomização/ Nível III/ 188 pacientes que visitaram um hospital central finlandês e sofreram ou não violência entre os anos de 2012 e 2015.</p>	<p>Evidencia-se que conviver com a violência doméstica, na infância e adolescência, predispõe os parceiros à violência doméstica. Especificamente na adolescência, essa experiência de violência parental influencia, fortemente, os conflitos sociais e com os irmãos. Condições econômicas precárias, baixa escolaridade, relacionamentos ruins com os pais e ter sido criado por um único pai ou mãe são fatores de risco significativos para se tornar um perpetrador ou vítima de violência doméstica.</p>
<p>2018³³/ USA/ Avaliar e validar uma ferramenta para prever a sintomatologia de Transtorno de estresse pós- traumático crônico (TEPT); identificar a associação do TEPT crônico da mãe com comportamentos das crianças 48 meses após estas procurarem abrigo seguro ou ordem de proteção por violência conjugal.</p>	<p>Estudo de coorte prospectivo de 7 anos/ Nível IV/ 300 díades mãe-filho.</p>	<p>Das mulheres que procuraram ajuda por causa da violência por parceiro íntimo, mais da metade apresentou, em quatro anos, altos níveis de sintomas relacionados ao transtorno do estresse pós-traumático crônico, como vitimização repetida, ameaças de dano e de estar em perigo, o que pode aumentar os efeitos tóxicos do trauma inicial. Com isso, há mais impacto intergeracional no funcionamento dos filhos, como as alterações de comportamentos e borderline.</p>
<p>2017³⁴/ Uganda/ Compreender a interseção de violência por parceiro íntimo e violência contra a criança nas famílias.</p>	<p>Pesquisa qualitativa/ Nível VI/ 106 participantes entre adultos e crianças.</p>	<p>Meninas que testemunharam VPI podem se tornar mais vulneráveis à violência. Já os meninos tornam-se vulneráveis a perpetuar a violência. Observa-se, nas crianças, certa ênfase na angústia emocional, sentimentos de ódio e tristeza, desejo de vingança e sensação de injustiça quando testemunham a violência contra suas mães. As dinâmicas familiares violentas culminam com a polivitimização (física e emocional) com maior expressão em mulheres e filhos; trauma de espectador, por testemunhar a violência; modelagem de papéis negativa, em que a violência é normalizada como geracional.</p>
<p>2015³⁵/ Brasil/ Analisar a relação familiar, na infância e adolescência, de mulheres que convivem com violência conjugal.</p>	<p>Estudo qualitativo/ Nível VI/ 19 mulheres que convivem com violência conjugal.</p>	<p>As mulheres que presenciaram, na infância e adolescência, violência física e moral entre os pais apresentaram sentimento de indignação diante da submissão da mãe à situação. Entretanto, perceberam-se semelhantes na reprodução da violência quando adultas. Observou-se que essas mulheres estavam condicionadas a repetir as mesmas práticas.</p>

<p>2011³⁶/ Brasil/ Analisar a relação familiar, na infância e adolescência, de mulheres que vivenciam violência conjugal; caracterizar o impacto da violência na dinâmica relacional familiar e sua transgeracionalidade em famílias de mulheres que sofreram agressão física.</p>	<p>Estudo qualitativo – <i>Grounded Theory</i>/ Nível VI/ 10 mulheres.</p>	<p>Em decorrência da manutenção dos relacionamentos violentos, há a fragilização da relação parental, em que os filhos apareceram como vítimas diretas e indiretas de uma relação conjugal/familiar. Viver com pais violentos prejudicou o perfil social, o rendimento escolar e a condição psicológica. O mesmo padrão de relação abusiva e violenta foi relatado pelas entrevistadas ao observarem suas famílias, em até duas, três e quatro gerações.</p>
<p>2019³⁷/ Irã/ Avaliar a eficácia da Terapia Focada na Emoção (EFT) na redução da violência conjugal e na melhora do funcionamento familiar.</p>	<p>Estudo randomizado/ Nível II/ 32 mulheres casadas, com problemas familiares, encaminhadas a centros de aconselhamento e grupo de controle.</p>	<p>Observou-se que a repercussão da violência, na funcionalidade familiar, está atrelada a comportamentos de controle, lutas de poder, definição de papéis, raízes no sentimento de segurança/insegurança. A inflexibilidade de pessoas e casais ocasionam relacionamentos inseguros, que se desdobram em interações familiares conflituosas. A terapia revelou-se eficaz na melhora do funcionamento familiar e na redução da violência.</p>
<p>2018³⁸/ Polônia/ Examinar a resiliência em mulheres que convivem com violência doméstica.</p>	<p>Estudo de coorte/ Nível IV/ 52 mulheres com idade entre 30 e 65 anos.</p>	<p>As mulheres do estudo, vítimas da violência doméstica, obtiveram pontuações significativamente mais baixas na escala de resiliência, sendo que elas referiram violência paterna. Dessa forma, a violência geracional diminuiu a resiliência dessas mulheres com impactos significativos para a vida. A violência sofrida, infligida pelo pai, exerceu o maior impacto adverso na resiliência.</p>
<p>2022³⁹/ Canadá/ Conhecer sobre arranjos parentais compartilhados para mulheres com filhos pequenos e que sofreram violência doméstica</p>	<p>Estudo qualitativo – Análise Temática/ Nível VI/ 20 Mães com crianças pequenas que sofreram violência por parceiro íntimo e estavam em arranjos parentais compartilhados.</p>	<p>Destaca-se que a parentalidade partilhada pode expor as mulheres e crianças a possíveis revitimizações. As mães enfrentam impactos significativos em sua saúde mental, incluindo transtorno do estresse pós-traumático, devido aos sentimentos contínuos de medo e ansiedade. Além disso, o poder coercitivo dos perpetradores persiste por meio dos filhos, controlando as atividades das mães. O sistema jurídico pode silenciar e revitimizar essas mulheres. Quanto aos filhos, são observadas alterações emocionais e comportamentais, como estresse e agressividade, além de prejuízos decorrentes das diferenças na parentalidade, na rotina e na sensação de insegurança.</p>

2022 ⁴⁰ / USA/ Realizar uma análise temática dos pontos fortes e preocupações parentais das mulheres expostas à VPI.	Estudo qualitativo-grupo focal/ Nível VI/ 53 participantes, sendo 22 mulheres expostas à VPI e 31 prestadores de serviços de saúde	Identificaram-se três temáticas relacionadas à resiliência e aos desafios da parentalidade, contemplando as práticas parentais positivas das mulheres: a violência por parceiro íntimo, que afeta o bem-estar psicossocial e físico das mães e a necessidade do apoio social; a segunda temática, que aborda o abandono do parceiro violento, considerando as barreiras para sair dessa relação; e a terceira temática, que inclui os processos intergeracionais, abrangendo as histórias de violência contra as mães das mulheres expostas à VPI, a resiliência para enfrentamento e a preocupação com o desenvolvimento das crianças.
2022 ⁴¹ / Taiwan/ Explorar a experiência de violência doméstica (VD) de mulheres e crianças para obter conhecimentos para os seus cuidados de saúde ou assistência social.	Estudo fenomenológico/Nível VI 5 mulheres e 5 crianças vítimas de violência doméstica	As mulheres enfrentaram muitos episódios específicos de VD, como danos físicos e psicológicos após a violência, incluindo baixa autoestima, insegurança e sensação de perda. As crianças também tiveram que lidar com episódios específicos de VD, além das consequências do abuso e da dinâmica familiar que acompanham este tipo de violência, como limitações na aprendizagem, monotonia, humilhação e pessimismo.

Com relação aos 20 estudos incluídos na pesquisa, 11 apresentam nível de evidência VI, sendo o Brasil o país com o maior número de publicações. A análise permitiu sintetizar as discussões em três categorias: repercussões da violência doméstica,^{30,34,36,39-41} retratando os impactos na saúde física e mental; dinâmica ou funcionalidade familiar,^{22,24-25,29,31,33-34,36-38,41} considerando os desafios da parentalidade na vivência da violência, os efeitos sobre os relacionamentos e as estratégias pessoais de enfrentamento, como a resiliência; inter ou transgeracionalidade (Reprodução do Comportamento Violento),^{22-23,26-28,32,35,37-38} relatada na transmissão de comportamentos violentos por meio de padrões repetidos, desde a infância e ao longo das gerações, que moldam respostas.

Discussão

A violência contra as mulheres manifesta-se em diferentes locais, culturas e estratos sociais, evidenciando a magnitude desse problema transcultural. Os estudos destacam as repercussões físicas, psicológicas e sociais, retratando sinais visíveis, como hematomas, cortes e demais traumas físicos, além dos sinais mais velados, como baixa

autoestima, tristeza, medo e depressão.^{22,24,26,38} Nesse sentido, a manutenção do ciclo da violência diminui a resiliência da mulher aos demais contextos de vida, tornando-a vulnerável para romper o relacionamento, uma vez que tende a buscar, continuamente, o mesmo padrão de funcionamento. Vale destacar que a violência psicológica está presente em qualquer forma de violência sofrida e, portanto, corrobora os altos níveis de sintomas relacionados ao Estresse Pós-Traumático Crônico.³⁵⁻³⁸

Assim, aponta-se para a predisposição às doenças mentais, como depressão, ansiedade, transtorno bipolar e esquizofrenia, juntamente com as repercussões sociais advindas da privação do convívio familiar e social, dificultando o estabelecimento de vínculos afetivos e alterando o funcionamento psíquico em todas as demais relações sociais.²⁶⁻³⁸ Nesse contexto, as fragilidades psíquicas retiram dessas mulheres uma das necessidades básicas do ser humano: a autonomia.^{31-34,42} Quanto maior o tempo de exposição à violência na idade adulta, maiores serão tais sintomas. Confirmam esses achados as evidências de que, mesmo após 48 meses de rompimento da violência por parceiros íntimos, essas mulheres ainda apresentavam sintomas relacionados ao TEPT e à vitimização repetida, manifestados por sensações constantes de ameaça e perigo.^{23,43-44}

São várias as motivações para se manterem em relações permeadas por violência. O caráter cíclico e progressivo interfere no estabelecimento de vínculos e funcionamento social, limitando o pedido por ajuda.³⁵ Outrossim, há barreiras sociais e culturais para esse rompimento, independentemente da condição socioeconômica do país. Os motivos considerados como internos decorrem de sentimentos de medo, culpa, impotência, humilhação e constrangimento, somados a baixa escolaridade, baixas condições socioeconômicas e falta de perspectivas fora da relação, considerando a violência tolerável.³⁶ Os motivos externos constituem-se nos estigmas, nas normas rígidas de gênero, na dependência econômica, no uso de bebida alcoólica ou outras drogas, pelo agressor, e na valorização social da família.^{34, 45-46}

Esses motivadores internos são influenciados pelos externos e, costumeiramente, modificados pela exposição contínua à violência. Ressalta-se que a privação econômica e a marginalização social levam tais mulheres a despender mais tempo na busca por segurança para si e para seus filhos, cujas causas podem ser absenteísmos ou dificuldades na manutenção dos empregos formais, mas também as tornam suscetíveis

à forma mais grave da violência: o feminicídio.³⁴ A busca pelo apoio formal pode levar anos⁴⁴ e, geralmente, é precedida pelo apoio informal que se torna ambíguo, posto que depende dos motivadores externos.^{32,46}

Discutem-se as consequências nas relações familiares e na vida dos filhos, que sofrem com a falta de afeto e estão propensos à reprodução da violência vivenciada. Nesse panorama, ressalta-se que tais mulheres tendem a repetir o funcionamento violento aprendido a partir de suas relações parentais e/ou conjugais por intermédio da polivitimização, expressão utilizada para retratar as variadas repercussões da violência física e psicológica, tal como a agressão deslocada, quando os filhos são utilizados como proteção ou alvos de retaliação dessas mulheres e seus parceiros.^{22-24, 29, 34, 39-40}

É notável que o funcionamento familiar violento culmina com a fragilização do papel parental, tornando os filhos vítimas diretas ou indiretas da violência doméstica, ao passo que as repercussões, normalmente, são físicas e psicológicas, como ansiedade, medo, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, isolamento social e fragilidades psíquicas, de tal modo que geram sentimentos conflituosos por se sentirem vítimas como as mães e sofrerem por elas, enquanto sofrem pelos pais mediante as repercussões jurídicas e dificuldades em lidar ora com a presença, ora com a ausência deles.^{27-29,31,33,35,37}

Essa modelagem negativa dos papéis paternos e maternos justificam a normalização da violência e das diferenças entre gêneros. Nesse contexto, é válido mencionar que pessoas mais inflexíveis, em decorrência das relações parentais da infância, estão propensas a relacionamentos conjugais inseguros, que se desdobram em interações familiares conflituosas, de tal maneira que perpetuam o ciclo de violência, com repercussões na sociedade.^{33, 42, 47-49}

Tais repercussões são mais evidentes no período da adolescência dos filhos, de tal forma que se relacionam com os conflitos sociais e entre irmãos. Esses fatores exercem influência ao longo da vida e em suas práticas parentais posteriores, tornando-os, significativamente vulneráveis e perpetradores ou vítimas de violência doméstica. A exposição a eventos traumáticos interpessoais, durante a infância, representa uma variável explicativa para a violência doméstica na idade adulta. Ao contrário, o apego positivo dos pais aos filhos é um fator de quebra da intergeracionalidade da violência.^{37,49}

A intergeracionalidade, ou transgeracionalidade, oferece mecanismos contributivos para a relação familiar, corroborando estudos que sugerem que o vínculo paterno violento gera nas filhas riscos à perpetração da violência, até mesmo, acima de fatores psicossociais.^{28,35,37-38,50-51} O risco intergeracional da violência doméstica exerce papel expressivo no que tange a problemas socioeconômicos paternos, ao passo que as condições socioeconômicas precárias apontam para maior ocorrência de discórdia conjugal, inadequações nas práticas parentais e dependência de drogas e álcool.^{27, 32, 36, 51}

Nessa perspectiva, depreende-se que são famílias que experimentam significativos efeitos decorrentes dos elevados níveis de estresse, dificuldades na gestão de conflitos e propensão considerável ao distanciamento social.^{31,33} A aprendizagem social da violência³⁶ pode direcionar à dupla vitimização dessas mulheres,³⁹ que passam a ser vítimas da violência praticada por seus parceiros e filhos. A aprendizagem social tende a moldar o comportamento desses filhos que veem os pais como intimidadores e poderosos.^{27,38} Dessa maneira, tais mulheres naturalizam, mais uma vez, a tipificação dessa relação, que volta a ser baseada no medo, controle e poder.²³⁻²⁵ Não obstante, as políticas públicas devem considerar a dinâmica familiar por meio de cuidado ampliado, para rompimento do ciclo da violência.^{39-41,50-51}

Em decorrência desse panorama, a compreensão da violência doméstica, de forma ampla, deve permear intervenções com foco na segurança familiar, como a motivação paterna e apoio social. É necessário, portanto, considerar as singularidades das famílias e propor gerenciamentos de risco de acordo com suas necessidades.⁴⁸⁻⁵⁰ Pensar em avanços normativos e políticas públicas para a prevenção da violência doméstica significa transcender o espaço privado do domicílio e considerar que intervenções decisivas, integrais, transversais e transformadoras serão capazes de gerar a desconstrução cultural da violência.⁵⁰⁻⁵¹

O estudo apresenta limitações quanto à falta de detalhamento das dinâmicas e relações familiares devido à ausência desses dados, tornando-se uma oportunidade valiosa para pesquisas futuras. Mesmo assim, proporciona uma compreensão das consequências da violência doméstica, favorecendo a visibilidade para acadêmicos, profissionais e gestores da área da saúde e, assim, pode contribuir para o cuidado, para a gestão dos serviços e para a formulação e implementação de políticas. Ademais,

sugere-se a realização de estudos preferencialmente longitudinais para ampliar o entendimento do problema e possíveis intervenções com ênfase na segurança e funcionalidade familiar visando à mitigação da transgeracionalidade da violência.

Acredita-se que as intervenções efetivas e as iniciativas de prevenção de longo prazo da violência contra as mulheres precisam estar comprometidas com políticas públicas integrais e transversais, esforços conjuntos e intersetoriais que modifiquem a compreensão cultural da violência, considerando a funcionalidade familiar e transgeracionalidade da violência como fatores inter-relacionados.

Conclusão

A violência doméstica contra as mulheres gera impactos profundos em suas vidas, nas dinâmicas familiares e nos processos de educação dos filhos, com riscos de perpetuação da violência. Dada a magnitude do problema que a violência contra as mulheres representa, evidenciou-se que ainda são necessários estudos aprofundados sobre as condições de vida, saúde e família da mulher vítima de violência.

Embora as implicações relacionadas não sejam, necessariamente, irreversíveis, as pesquisas selecionadas corroboram a necessidade de se compreender os fatores subjacentes e permitir avanços imprescindíveis para intervenção com vistas ao rompimento do ciclo da violência, considerando tanto o sofrimento imediato causado, como o seu aspecto transgeracional, por meio de políticas de intervenção precoces e sistêmicas.

A integração das evidências demonstrou a importância de fortalecer os laços entre as crianças e seus pais (vítimas), especialmente as mães, para ajudá-las no processo de resiliência e de recuperação desses traumas, a longo prazo.

Referências

1. United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women (UN Women). Intensification of efforts to eliminate all forms of violence against women: report of the Secretary-General (2020). New York (NY): UN Women; 2020 [cited 2023 Jan 05]. Available from: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/07/a-75-274-sg-report-ending-violence-against-women-and-girls>

2. Yount KM, Cheong YF, Khan Z, Bergenfeld I, Kaslow N, Clark CJ, et al. Global measurement of intimate partner violence to monitor Sustainable Development Goal 5. *BMC Public Health*. 2022;22:465. doi: 10.1186/s12889-022-12822-9
3. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); Organização Mundial da Saúde (OMS). Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. Brasília (DF): Organização Pan-Americana da Saúde; 2021 [acesso em 2023 jan 05]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>
4. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. São Paulo, SP: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; 2022 [acesso em 2023 nov 10]. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf>
5. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Atlas da Violência-2022. Brasília (DF): IPEA; 2022 [acesso em 2023 nov 10]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/%7Bid%7D/%7Btitulo%7D>
6. Pearson I, Page S, Zimmerman C, Meinck F, Gennari F, Guedes A, et al. The co-occurrence of intimate partner violence and violence against children: a systematic review on associated factors in low- and middle-income countries. *Trauma Violence Abuse*. 2023;24(4):2097-114. doi: 10.1177/15248380221082943
7. Bott S, Ruiz-Celis AP, Mendoza JA, Guedes A. Co-occurring violent discipline of children and intimate partner violence against women in Latin America and the Caribbean: a systematic search and secondary analysis of national datasets. *BMJ Glob Health*. 2021;6(12):e007063. doi: 10.1136/bmjgh-2021-007063
8. Ministérios das Mulheres (Brasil). Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. Brasília (DF): Presidência da República. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; Secretaria de Políticas para as Mulheres; 2011 [acesso em 2023 nov 10]. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres
9. Miura PO, Silva ACS, Pedrosa MMMP, Costa ML, Nobre Filho JN. Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicol Soc*. 2018;30:e179670. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30179670
10. BRASIL. Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020. Altera o art. 22 da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para estabelecer como medidas protetivas de urgência frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial. Brasília (DF): Presidência da República; 2021 [acesso em 2021 set 05]. Diário Oficial da União: Seção 1, p. 117. 03 abr. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13984.htm
11. Silva CA, Paschoalino WJ, Gouveia DR, Bazon SD, Jovetta SD. O conceito de família sob as novas perspectivas sociais. *Rev Cient UNAR*. 2019;19(2):126-41. doi: 10.18762/1982-4920.20190019
12. Dias BC, Marcon SS, Reis P, Lino IGT, Okido ACC, Ichisato SMT, et al. Family dynamics and social network of families of children with special needs for complex/continuous cares. *Rev Gaúcha Enferm*. 2020;41:e20190178. doi: 10.1590/1983-1447.2020.20190178
13. Wright LM, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 5ª ed. São Paulo: Roca; 2012.

14. Batista VC, Gomes NP, Teston EF, Barreto M, Virgens IR, Vieira VCL, et al. Relações familiares no contexto de violência conjugal: uma teoria fundamentada nos dados construtivista. *Texto Contexto Enferm.* 2023;32. doi: 10.1590/1980-265x-tce-2023-0041pt
15. Nothaft RJ, Lisboa TK. As intervenções com autores de violência doméstica e familiar no Brasil e suas relações com a Lei Maria da Penha. *Cad Pagu.* 2021;61:e216119. doi: 10.1590/18094449202100610019
16. Falb KL, Asghar K, Blackwell A, Baseme S, Nyanguba M, Roth D, et al. Improving family functioning and reducing violence in the home in North Kivu, Democratic Republic of Congo: a pilot cluster-randomised controlled trial of Safe at Home. *BMJ Open.* 2023;13(3):e065759. doi: 10.1136/bmjopen-2022-065759
17. McIlwaine C, Ansari MR, Leal JG, Vieira F, Santos JS. Countermapping SDG 5 to address violence against women and girls in the favelas of Maré, Rio de Janeiro, Brazil. *J Maps.* 2023;19(1). doi: 10.1080/17445647.2023.2178343
18. Heim EM, Trujillo Tapia L, Quintanilla Gonzáles R. "My Partner Will Change": cognitive distortion in battered women in Bolivia. *J Interpers Violence.* 2018;33(8):1348-65. doi: 10.1177/0886260515615145
19. Gomes NP, Carneiro JB, Almeida LCG, Costa DSG, Campos LM, Virgens IR, et al. Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. *Cogitare Enferm.* 2022;27:e78904. doi: 10.5380/ce.v27i0.78904
20. Whittemore R, Knafl K. The integrative review: Updated methodology. *J Adv Nurs.* 2005;52(5):546-53. doi: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621
21. Centre for Evidence-Based Medicine (CEBM). OCEBM Levels of Evidence. Oxford: Oxford Centre for Evidence-Based Medicine; 2016 [cited 2020 Sept 15]. Available from: <https://www.cebm.net/2016/05/ocebmllevels-of-evidence/>
22. Bhona FMC, Gebara CFP, Noto AR, Vieira MT, Lourenço LM. Inter-relações da violência no sistema familiar: estudo domiciliar em um bairro de baixa renda. *Psicol Reflex Crit.* 2014;27(3):591-8. doi: 10.1590/1678-7153.201427321
23. Both LM, Favaretto TC, Freitas LHM. Cycle of violence in women victims of domestic violence: Qualitative analysis of OPD 2 interview. *Brain Behav.* 2019;9(11):e01430. doi: 10.1002/brb3.1430
24. Carneiro JB, Gomes NP, Estrela FM, Santana JD, Mota RS, Erdmann AL. Domestic violence: repercussions for women and children. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2017;21(4). doi: 10.1590/2177-9465-EAN-2016-034624
25. Carneiro JB, Gomes NP, Campos LM, Silva AF, Cunha KS, Costa DMSC. Understanding marital violence: a study in grounded theory. *Rev Latinoam Enferm.* 2019;27:e3185. doi: 10.1590/1518-8345.3116.3185
26. Cascio ML, Guarnaccia C, Infurna MR, Mancuso L, Parroco AM, Giannone F. Environmental dysfunctions, childhood maltreatment and women's intimate partner violence victimization. *J Interpers Violence.* 2020;35(19-20):3806-32. doi: 10.1177/0886260517711176
27. Colossi PM, Marasca AR, Falcke D. De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico (Porto Alegre).* 2015;46(4):493-502. doi: 10.15448/1980-8623.2015.4.20979
28. Magalhães JRF, Gomes NP, Estrela FM, Silva AF, Carvalho MRS, Pereira A, et al. Meanings of family dynamics by men who reproduced domestic violence. *Acta Paul Enferm.* 2021;34:eAPE00803. doi: 10.37689/acta-ape/2021AO00803

29. Durand JG, Schraiber LB, França-Junior I, Barros C. Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Rev Saúde Pública*. 2011 Apr;45(2):355-64. doi: 10.1590/S0034-89102011005000004
30. Justino YAC, Cotonhoto LA, Nascimento CRR. A perspectiva de mães a respeito das relações parentais diante de um contexto de violência doméstica contra mulher. *Pesqui Prát Psicossociais*. 2017 [acesso em 2023 set 15];12(3):1-20. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300004&lng=pt&nrm=iso
31. Kivelä S, Leppäkoski T, Helminen M, Paavilainen E. A cross-sectional descriptive study of the family functioning, health and social support of hospital patients with family violence backgrounds. *Scand J Caring Sci*. 2018 Sept;32(3):1083-92. doi: 10.1111/scs.12554
32. Kivelä S, Leppäkoski T, Helminen M, Paavilainen E. Continuation of domestic violence and changes in the assessment of family functioning, health, and social support in Finland. *Health Care Women Int*. 2019;40(11):1283-97. doi: 10.1080/07399332.2019.1615917
33. Maddoux J, McFarlane J, Symes L, Fredland N, Feder G. Using baseline data to predict chronic PTSD 48-months after mothers report intimate partner violence: outcomes for mothers and the intergenerational impact on child behavioral functioning. *Arch Psychiatr Nurs*. 2018;32(3):475-82. doi: 10.1016/j.apnu.2018.02.001
34. Namy S, Carlson C, O'Hara K, Nakuti J, Bukuluki P, Lwanyaaga J, et al. Towards a feminist understanding of intersecting violence against women and children in the family. *Soc Sci Med*. 2017 Jul;184:40-8. doi: 10.1016/j.socscimed.2017.04.042
35. Paixão GPD, Gomes NP, Diniz NMF, Lira M, Carvalho MRD, Silva RS. Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. *Rev Latinoam Enferm*. 2015;23(5):874-9. doi: 10.1590/0104-1169.0010.2626
36. Santos ACW, Moré CLOO. Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicol Ciênc Prof*. 2011;31(2):220-35. doi: 10.1590/S1414-98932011000200003
37. Shahmoradi S, Afshar HK, Goudarzy M, Lavasani MGA. Effectiveness of emotion-focused therapy in reduction of marital violence and improvement of family functioning: a quasi-experimental study. *Iranian Red Crescent Med J*. 2019;21(11). doi: 10.5812/ircmj.97183
38. Tsigotis K, Luczak J. Resilience in women who experience domestic violence. *Psychiatr Q*. 2018;89(1):201-11. doi: 10.1007/s1126-017-9529-4
39. Archer-Kuhn B, Hughes J, Saini M, Tam D, Beltrano N, Still M. A balancing act when children are young: women's experiences in shared parenting arrangements as survivors of domestic violence. *J Fam Violence*;39(4):221-33. 2022. doi: 10.1007/s10896-022-00452-z
40. Scrafford KE, Miller-Graff LE, Umunyana AG, Schwartz LE, Howell KH. "I did it to save my children": parenting strengths and fears of women exposed to intimate partner violence. *J Interpers Violence*. 2022 May;37(9-10):NP7775-NP7802. doi: 10.1177/0886260520969231
41. Lee P, Lee B. Lived experiences of domestic violence in women and their children: a phenomenological study. *Healthcare (Basel)*. 2022 Aug;10(8):1556. doi: 10.3390/healthcare10081556
42. Baragatti DY, Rolim ACA, Castro CP, Melo MC, Silva EM. Rota crítica de mulheres em situação de violência: revisão integrativa. *Rev Panam Salud Publica*. 2019;43. doi: 10.26633/RPSP.2019.34
43. Vyas S, Mbwambo J. Physical partner violence, women's economic status and help-seeking behaviour in Dar es Salaam and Mbeya, Tanzania. *Glob Health Action*. 2017;10(1):1290426. doi: 10.1080/16549716.2017.1290426

44. Organização Pan-Americana da Saúde (PAHO). Organização Mundial da Saúde (OMS). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Genebra: OMS; 2012 [acesso em 2023 jan 05]. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/3661/Prevencao%20da%20violencia%20sexual%20e%20parceiro%20intimo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
45. Caicedo-Roa M, Cordeiro RC. Análise de casos de feminicídio em Campinas, SP, Brasil, entre 2018 e 2019 por meio do modelo ecológico da violência. *Ciênc Saúde Colet*. 2023;28(1):23-36. doi: 10.1590/1413-81232023281.09612022
46. Meyer S, Reeves E, Fitz-Gibbon K. The intergenerational transmission of family violence: Mothers' perceptions of children's experiences and use of violence in the home. *Child Fam Soc Work*. 2021;6:476-84. doi: 10.1111/cfs.12830
47. Gracia E, Rodriguez CM, Martín-Fernández M, Lila M. Acceptability of family violence: underlying ties between intimate partner violence and child abuse. *J Interpers Violence*. 2020 Sept;35(17-18):3217-36. doi: 10.1177/0886260517707310
48. Shakoor S, Theobald D, Farrington DP. Intergenerational continuity of intimate partner violence perpetration: an investigation of possible mechanisms. *J Interpers Violence*. 2022;37(7-8):NP3675-NP5840. doi: 10.1177/0886260520959629
49. Kaufman-Parks AM, Demaris A, Giordano PC, Manning WD, Longmore MA. Familial effects on intimate partner violence perpetration across adolescence and young adulthood. *J Fam Issues*. 2018;39(7):1933-61. doi: 10.1177/0192513X17734586
50. Gatfield E, O'Leary P, Meyer S, Baird K. A multitheoretical perspective for addressing domestic and family violence: supporting fathers to parent without harm. *J Soc Work*. 2022;22(4):876-95. doi: 10.1177/14680173211028562
51. Molina González MR, Capito Mata SG, Meraz Sagarnaga ES. La violencia familiar. contextualización y avances del discurso normativo y jurisprudencial. *Rev Incl*. 2018 [aceso 2023 ene 05];5(4):80-99. Disponible en: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/686/649>

Contribuições de autoria

1 – Paula Sales Rodrigues

Autor Correspondente

Enfermeira, Doutoranda – paulasalesrodrigues@gmail.com

Concepção, desenvolvimento da pesquisa e redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

2 – Aline Pereira de Souza

Enfermeira, Doutoranda – aline.psouza_enfer@hotmail.com

Desenvolvimento da pesquisa e redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

3 – Juliana Ribeiro da Silva Vernasque

Enfermeira, Doutoranda – juvernasque@gmail.com

Desenvolvimento da pesquisa e redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

4 - Fabiana Veronez Martelato Gimenez

Enfermeira, Doutoranda- fabiveronez@hotmail.com
Redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

5 - Viviane Boacnin Yoneda Sponchiado

Delegada, Advogada, Mestra - puffy_yoneda@hotmail.com
Redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

6 - Maria José Sanches Marin

Enfermeira, Doutora - marnadia@terra.com.br
Concepção, desenvolvimento da pesquisa e redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

Editora Científica Chefe: Cristiane Cardoso de Paula

Editora Associada: Eliane Tatsch Neves

Como citar este artigo

Rodrigues PS, Souza AP, Vernasque JRS, Gimenez FVM, Sponchiado VBY, Marin MJS.
Implications of domestic violence against women on family functionality: An integrative review. Rev. Enferm. UFSM. 2024 [Access at: Year Month Day]; vol.14, e10:1-21. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769284998>